



SESSÃO COORDENADA 01 - CULTURA E RELIGIOSIDADES
COORDENADORAS: RENATA MARINHO PAZ & UELBA ALEXANDRE
NASCIMENTO

SOBREVIVÊNCIAS DO INCRÍVEL: UMA HISTÓRIA DAS
NARRATIVAS DE BOTIJAS

Ivanildo dos Santos Xavier Júnior¹
Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)

RESUMO

O presente trabalho faz parte da fase inicial de nossas pesquisas sobre narrativas de botijas nos engenhos e fazendas das cidades de Santa Rita e Cruz do Espírito Santo (na Paraíba) durante primeira metade do século XX. Nesse primeiro momento buscamos realizar uma revisão bibliográfica a respeito do nosso tema. À luz do que nos diz Barros (2005, pp. 54-55), a revisão bibliográfica estabelece um diálogo historiográfico com outros pesquisadores e permite uma contribuição mais significativa ao conhecimento sobre o tema. Discorremos sobre as principais contribuições a respeito do tema e em que ponto estão as pesquisas acadêmicas sobre narrativas de botijas. Também tratamos de aspectos que lhes são inerentes, como o universo assombroso criado em torno delas e que é aspecto ainda muito presente nas crenças de diversas pessoas que vivem no Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Botijas. Narrativas. Assombroso.

Histórias sobre botijas são contadas ainda hoje em várias comunidades do Nordeste. O seu poder de encantamento, que não pode ser medido pelo estatuto de verdade racional que (não) possuem, revela a presença de um universo sobrenatural que envolve comunidades ligadas por uma certa rede de crenças ainda não bem reconstruída pelas ciências humanas.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Talvez por ser um daqueles “temas nômades”, um não-lugar, cambiando entre dois mundos, o dos vivos e o dos mortos, fazendo ruir o chão seguro sobre os nossos pés, que a ideia de realidade permite, temas tão interessantes tenham começado a ser olhados com mais atenção na primeira década deste século. As narrativas de botijas devem ser compreendidas como um dos aspectos, ou um dos fios que podem nos permitir reconstruir essa rede de crenças. Essas narrativas também são pouco estudadas, prova disso é que os trabalhos aqui analisados são consideravelmente recentes.

Guido, – um dos personagens da dissertação de Tiago de Oliveira Sales, que leva o título de “Sobre botijas” – atenta para a constante necessidade de encantar as histórias sobre esse universo assombroso, sobretudo as de botijas (SALES, 2006. P. 18). Esse encantamento é uma das forças de sedução das “histórias de trancoso”. Ele é que nos fez debruçar sobre as botijas e suas narrativas fantásticas e assombrosas.

O presente trabalho busca lançar um olhar sobre as principais contribuições na grande área das ciências humanas, sobre as narrativas de botijas, fazendo um balanço e apontando possíveis diálogos ou questões pouco aprofundadas relativas ao tema.

SOBRE AS BOTIJAS E O UNIVERSO ASSOMBROSO EM TORNO DELAS

“Ó tu, que habitas sobre muitas águas, rica de tesouros, é chegado o teu fim, a medida da tua avareza” (Jeremias 51:13).

Geralmente, as histórias sobre botijas giram em torno de dois personagens principais, o dono da botija e a pessoa que recebe ela em sonho. A primeira figura comumente é um homem rico, dono de engenho ou fazenda, avarento e mau patrão, mas também pode ser uma pessoa pobre que tenta proteger um objeto de valor, ou mesmo suas economias em algum lugar sob a terra, ou entre tijolos, em um tempo onde os bancos eram raros. Existem histórias de botijas relacionadas aos cangaceiros, aos jesuítas ou outros religiosos e principalmente aos holandeses, durante sua estadia no Nordeste brasileiro. Já quem recebe esse tesouro maravilhoso – o *merecedor* para Maria do Socorro Cipriano em sua tese de doutorado “Histórias de botija e os labirintos do universo assombroso na Paraíba” (2010), ou o *caçador* para Sales – sonha com o falecido dono lhe informando como achar a botija, e a partir daí trava uma luta com forças sobrenaturais para desenterrá-la.

Sobre as narrativas de histórias de botijas, os dois trabalhos já citados, de Sales e Cipriano, podem ser considerados como as grandes referências.

Para Maria do Socorro Cipriano a botija é um tesouro encantado, guardado por monstros e fantasmas, e que é dado por seu antigo dono, por sonho, a um *merecedor* – tido por um homem corajoso, disposto a enfrentar os seres fantásticos que guardam o tesouro, de fé e que não seja avaro, justamente o contrário do antigo dono do ouro (CIPRIANO, 2010, p. 128). O uso do termo *merecedor* exalta o sentido de recompensa da botija, uma compensação por todas as dificuldades que aquele pobre passou na vida sofrida, sempre aturdida por secas, carestias e previsões de fim do mundo, além da recente ameaça que é a mecanização na agricultura – sinal eminente da ação diabólica no mundo. Os elementos principais do desencantamento, que parecem se repetir nos diversos lugares onde se contam esse tipo de história, são o fato de sair à noite, não se assustar e, após o desencantamento, alguma atitude de mudança com relação a moradia². Esse desencantamento é quase sempre uma dádiva que exige características associadas aos homens, fazendo com que as mulheres raramente apareçam nessas histórias.

Cipriano trabalha com as narrativas de botija enquanto constructo desse universo assombroso, como território de tensão entre o real e a fantasia. As botijas são um “tema nômade”, como diz a autora, por isso os recortes de espaço/tempo também precisam ser cambiantes, para poder acompanhar a difusão e o poder dessas narrativas que “inventam” e “reinventam” as botijas. Suas sobrevivências desafiam a lógica do desencantamento trazida pela modernidade, sentida contundentemente nas reformas urbanas dos grandes centros. Os espaços próprios dessas histórias assombrosas são os mais variados, engenhos, fazendas e cidades, todos esses espaços são palcos de assombrações.

Diante deste mundo encantado – ou assombrado, como preferirem – muitas pessoas se lançam em busca de tesouros, indo para o interior do estado e escavando “o mundo invisível, deixando seus rastros, cujas trajetórias invisíveis configuram o que pode-se conceber um território assombroso” (CIPRIANO, 2010, p. 109) que materializa esse mundo encantado.

² Sales mostra como essas atitudes em relação a moradia, por parte de quem recebe uma botija, pode mudar, enquanto algumas pessoas falam sobre ir embora, em outros casos o *merecedor* apenas troca a porta da frente ou realiza uma reforma estrutural todos os anos. SALES, T. O. **Sobre Botijas**. Recife: UFPE, 2008.

Nessa geografia do assombroso encontramos diversas histórias de reinos encantados, localizados de maneira incerta, à exemplo do país de São Saruê³. Próximos a esses lugares certamente encontraremos diversos casos de botijas. As zonas da mata das antigas províncias de Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, são regiões ricas nesse tipo de histórias, graças a presença dos holandeses e jesuítas, talvez fundadores, reais ou mitológicos, do costume de se esconder tesouros no chão ou em paredes. Segundo Cipriano, o universo de histórias que estão associadas as botijas – histórias de monstros, fantasmas, camas de baleia, etc. – devem, em parte, suas sobrevivências às histórias de botijas. Ainda são interessantes as análises realizadas pela autora que ligam as botijas a lugares de sítios arqueológicos, sobretudo onde existem pinturas rupestres e cemitérios indígenas, além da aproximação, pelo ritual de desencantamento, entre todas as variedades de botijas.

O “bilhete premiado” para esses tesouros encantados, por assim dizer, são os sonhos. É no mundo onírico, onde parecemos caminhar entre vivos e mortos, que a botija é dada ao merecedor. Citando Peter Burke, Cipriano mostra que pessoas que compartilham uma determinada rede de crenças ou de cultura, tendem a ter sonhos idênticos, ou muito parecidos (CIPRIANO, 2010, P. 194). O sonho é, no caso das botijas, um elo entre o real e o fantástico, tecido no mesmo tear dos devaneios, talvez um seja extensão do outro, algo que faça com que as pessoas sonhem com uma fuga, dormindo ou acordadas. Trabalhar com o tecido composto por esse universo onírico só é possível se analisarmos uma sequência de sonhos e de suas interpretações – que também os fabricam – e sua relação com a literatura e a iconografia, sobretudo não ter esperanças, nem pretensão de buscar o “sonho original” (CIPRIANO, 2010, p. 195). A pobreza e os narradores orais tratam de alimentar o universo onírico em torno da botija, além do seu significado enquanto fuga de uma vida precária.

Na dissertação “Sobre botijas” de Thiago de Oliveira Sales, o tema é estudado através do método etnográfico. Nas histórias narradas no trabalho, por moradores de Pano de Miranda (estado de Pernambuco) é interessante perceber como para a comunidade, segundo Sales, não há uma separação entre o fantástico e o cotidiano, talvez como resultado da necessidade metafísica que Pritchard afirma possuir o ser humano. Essa tensão – entre fantástico e o cotidiano – é fundadora de nossa “mundanidade cotidiana”, como provam personagens como Zé Evangélico ou Toninho

³ Utopia sertaneja de um lugar de igualdade e da ausência de necessidades e mazelas, além da ausência de trabalho contada no cordel “Viagem ao país de São Saruê” de Manoel Camilo dos Santos.

do Bilhar, homens que se meteram em peijas por botijas. Algumas características peculiares às histórias de botijas da cidade vão aparecendo durante o trabalho: Toninho afirma que não comenta sobre a história da botija que estava envolvido para não ser perturbado pela alma que lhe doou; a botija que anda por baixo da terra; as botijas de morte⁴; trocar a porta de casa para não precisar mudar-se de residência.

As histórias de botija certamente possuem um aspecto histórico, uma historicidade, são esses aspectos que Sales busca analisar em seu trabalho. Usando o exemplo da literatura de Ariano Suassuna, Sales mostra que as comunidades sertanejas receberam uma forte herança cultural do medievo ibérico, incluindo aí uma forte presença da cultura árabe. O sentimento de insegurança típico do medievo ibérico, que tem como esperança o ouro, basta observar a busca desenfreada da Espanha por metais preciosos que impulsiona a chegada a América, – uma busca constante, bem característica do homem-querer - é uma dessas heranças. “As botijas de morte” apontam para outra delas, o respeito aos laços de solidariedade entre os membros da comunidade, a avareza é um dos modos de quebrar esses laços. Outro sinal dessas sobrevivências são os “corpos fechados”, as rezas que paravam balas, ou deixavam o homem invisível. Uma busca incessante pela segurança, uma fuga. O ideal do homem aventureiro destrinchado por Sérgio Buarque de Holanda, parece ser o ideal que move essas comunidades na busca pela luz, pela beleza que é também riqueza, pelo ouro. O segredo para os aventureiros que desenterram botijas, para Sales, apesar de ser necessário, significa uma quebra nos laços de solidariedade, é uma transgressão, mas nas histórias de botija transgressão é normal, diria até, necessária, “é elemento estrutural imanente ao mito” (SALES, 2008, p. 150). É transgressão também se pensarmos uma outra relação: as botijas são a possibilidade para muitos mais viável de romper com a desumanidade do capitalismo, de burlá-la. Nem mesmo a razão é capaz de matar esse mito, ao contrário, dar-lhe nova pulsão frente ao crescente sentimento de insegurança nas sociedades contemporâneas.

A relação entre botijas e garimpos é mais uma abordagem muito interessante do trabalho de Sales. O desejo por segurança e liberdade é comum a maior parte dos indivíduos e o ouro – dos garimpos, ou das botijas – era imaginado como uma maneira de satisfazer esses desejos. É essa ideia que leva muitos homens a não desejar afastar-se de uma vida cheia de rixas e, por vezes, crimes, como Sales, em uma fala de quem

⁴ Botijas que trazem a morte para quem as desenterram, pois, seus donos eram demasiadamente avarentos quando estavam vivos.

realmente familiarizou-se com a pesquisa, afirma: “Posso afirmar que, em minha pesquisa de campo, não vi nenhum dos caçadores de botija ou ex-garimpeiros que ainda não pensassem na possibilidade de se lançar novamente em busca do ouro” (SALES, 2008, p. 131).

AS BOTIJAS, A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO IMATERIAL

Alguns outros trabalhos tratam sobre o tema, e eles se localizam no Seridó do Rio Grande do Norte. Um desses trabalhos é da antropóloga franco-brasileira, Julie Antoinette Cavnac, um capítulo intitulado “Um mundo encantado: memória e oralidade no Sertão do Rio Grande do Norte” (2009), que faz parte de uma coletânea de textos sobre o Campesinato brasileiro chamada “Diversidade do Campesinato: expressões e categorias”.

Cavnac reconstrói a relação entre as histórias de botijas e as assombrações, ressaltando em seu trabalho a relação entre a comunidade e o mundo dos mortos. Essa comunidade estabelece laços de reciprocidade com os mortos e sente sua presença cotidianamente de diversas maneiras. O além-cidade é o entre-lugar do sobrenatural e os sonhos estabelecem uma importante maneira de comunicação com os mortos. Aqueles que morreram abandonados aparecem aos vivos, geralmente em seus distantes túmulos fora da cidade. Há uma ligação evidente, nas histórias transmitidas de maneira oral, dos mortos com a natureza; as serras, por exemplo, são locais que marcam a localização de *reinos encantados* que cercam o sertão do Seridó.

As tradições contadas oralmente por gerações a seus descendentes, através das histórias de trancoso e narrativas de encantamento, ou ainda, nas histórias que falam sobre o passado colonial (CAVIGNAC, 2009, p. 89) constituem uma “lógica cultural” fundada sobre o encantamento – das almas, dos reinos, dos tesouros – e que desemboca em uma cosmogonia encantada, onde os mortos interagem com os vivos, ora como oráculos de algum tesouro ou reino perdido, ora como objetos de devoção.

Já em “A botija de Serra Rajada: entre a memória e a história”, trabalho de Helder Alexandre Medeiros de Macedo e Thiago Stevenny Lopes, considerando as histórias de botijas como parte do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas, os autores traçam em linhas gerais essas narrativas contadas desde muito tempo. Um aspecto interessante do texto é o destaque dado ao imaginário em torno do diabo nas comunidades que vivem em torno de Serra Rajada-RN, seja como maribondo, bode, ou

outro animal, ele é presença constante no cotidiano e nas histórias contadas. Em alguns momentos pode tomar a forma ao ser associado até mesmo ao homem.

Os autores mostram também, como o sonho e seu significado que deve ser interpretado é um aspecto importante nas histórias de botija e em outros fenômenos da nossa cultura, como o jogo do bicho, e também na vida ordinária (nossa preocupação em descobrir que presságio traz os nossos sonhos: morte, dinheiro, tristeza, etc.). Ressaltam a relação entre História, memória e imaginário. A memória que não é um espelho da realidade e que se constitui de um caráter seletivo de experiências, constituindo um imaginário que é diferente do passado como ele ocorreu. Sendo assim, a imagem que sobreviveu no imaginário sobre a época em que o encantamento se tornou uma chave de leitura importante sobre o mundo é construída na “varanda das casas” que “servia de palco para os ‘contadores de histórias’, pessoas que distraíam e divertiam os demais com suas narrativas sobre botijas” (MACEDO; LOPEZ, 2012, p. 32).

CONCLUSÕES

Nos poucos trabalhos sobre as histórias de botija, alguns aspectos parecem comuns a todos. A importância do universo onírico para a elaboração do enredo dessas histórias é um desses aspectos. Esses sonhos são lugares de tensão entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre o real e o sobrenatural.

Também é perceptível que essas histórias estão intimamente ligadas com o mundo assombroso habitado por diversos outros seres e tesouros encantados, e como Cipriano afirma, esse universo assombroso deve em grande parte sua sobrevivência as narrativas de botijas. Elas também estão ligadas ao que Cipriano chama de “tradições da botija”, grupos como holandeses, jesuítas, cangaceiros, senhores de engenho e pessoas comuns (CIPRIANO, 2010, p. 143), o que mesmo não sendo definido como tradições por outros autores, acaba por aparecer em seus trabalhos.

O rito de desencantamento desses tesouros é a grande interrogação que a análise do trabalho. Nos parece que esse rito e os elementos imanentes a ele envolve objetos e práticas específicas em diferentes lugares, ou até mesmo em uma mesma comunidade. Velas, cordão de São Francisco, símbolos bíblicos, aves agourentas, fantasmas e o próprio diabo podem aparecer nas histórias de desencantamento de botijas, mas também podem ser omitidos.

O “pós-desencantamento” também é alvo de informações distintas. Enquanto, Cipriano fala em trocar de casa, Sales mostra que nas histórias por ele estudadas essa troca dá lugar a uma reforma estrutural na casa, que deve acontecer pelo menos uma vez ao ano, ou mesmo a troca da porta da frente para impedir o retorno da alma.

Como dissemos, o conjunto de histórias e seres em que está inserida as narrativas de botija, faz parte de uma rede de crenças, de um imaginário, do qual muitas comunidades compartilham e que ainda não foi tema de muitas pesquisas por parte das ciências humanas, sobretudo da História. Depoimentos falados ou escritos, narrados em diários ou nas varandas, são pistas importantes nesse trabalho de reconstrução que nos permitirá conhecer melhor um conjunto de ritos que tem uma função social muito grande, principalmente em comunidades fundadas sobre fortes laços de solidariedade.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Assombrações do Cariri: o imaginário popular como elemento de reflexão histórica**. Fortaleza, ANPUH, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CAVIGNAC, J. A. Um mundo encantado: memória e oralidade no Sertão do Rio Grande do Norte. In: Emília Pietrafesa de Godoi; Marilda Aparecida Menezes; Rosa Azevedo. (Org.). **Diversidade do Campesinato: expressões e categorias** (Coleção História Social do Campesinato no Brasil). Construções Identitárias e Sociabilidades: São Paulo; Brasília: Unesp; NEAD, 2009, v. IV-1, p. 69-94.

CIPRIANO, M. S. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. Recife: UFPE, 2010.

MACEDO, H. A. M. de; LOPES, T. S. **A botija da Serra da Rajada: entre a memória e a história**. Inter-legere (UFRN), v. 10, p. 21-48, 2012.

SALES, Thiago de Oliveira. **Sobre Botijas**. Recife: UFPE, 2008.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Campina Grande, 1965.

SCHIMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SUASSUNA, Ariano. **O Santo e a porca**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.